

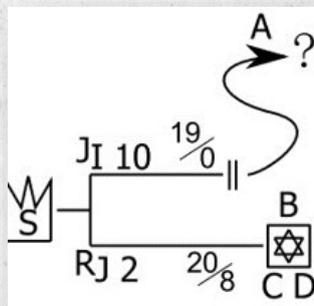


PVN – CHICAGO
Pvnchicago.com

Introdução ao Livro de

I & II

REIS



REIS 15:4

“Mas, por amor de Davi, o Senhor lhe deu uma lâmpada em Jerusalém, levantando seu filho depois dele e confirmando Jerusalém.”



Leitura Bíblica - 2024 REIS

I REIS

II REIS

JUNHO	
DATA	CAPÍTULOS

Edificação do Templo

16	○ 5 – 7
17	○ 8 – 10

Divisão do Reino

18	○ 11 – 13
19	○ 14 – 16
20	○ 17 – 19
21	○ 20 – 22

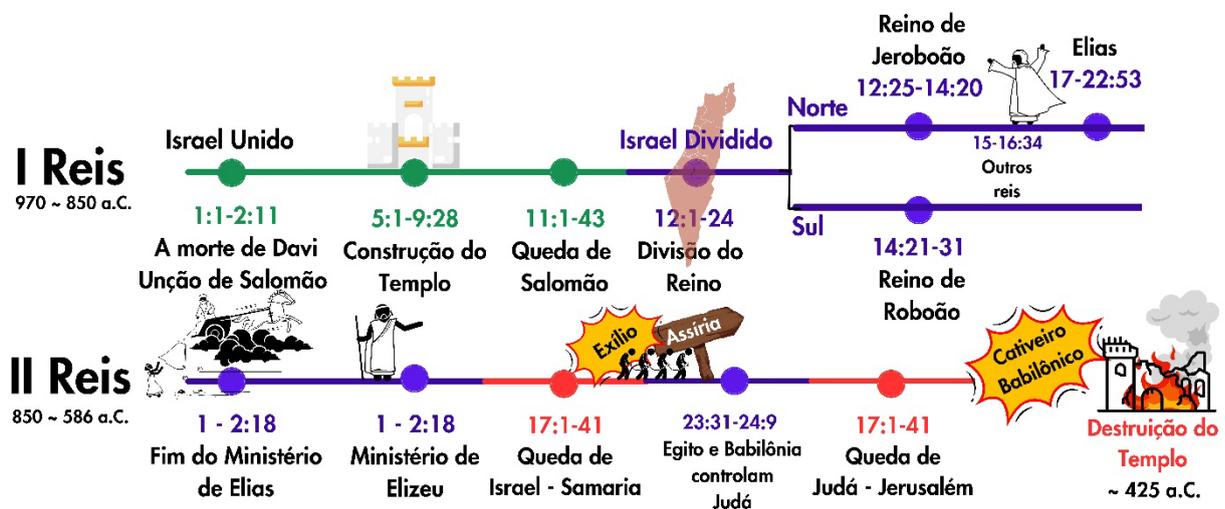
JUNHO	
DATA	CAPÍTULOS
22	○ 1 – 3
23	○ 4 – 6
24	○ 7 – 10
25	○ 11 – 14
26	○ 15 – 17
27	○ 18 – 19
28	○ 20 – 22
29	○ 23 – 25

Introdução

O livro de I e II Reis relata a continuação e desenvolvimento do terceiro tipo de liderança que Israel estava experimentando: **a monarquia**. Até aqui, Israel presenciou dois tipos de liderança: **patriarcal** (Abraão, Isaque, Jacó e José) e **juízes-profetas** (Moisés a Samuel). O período monárquico de Israel deu-se início em I Samuel 10, com a unção de Saul como rei. O livro de II Samuel é marcado pelo reinado de Davi. E agora, em I Reis, dá-se início ao reinado de Salomão. O tão esperado rei de paz que construiria a casa do Senhor, com os bens já reservados e preparados pelo seu pai Davi (1 Re 5:1-5, I Cro 28, 2 Sm 7:13).

Autoria e Contexto

Não se sabe de fato quem foi o autor de Reis, porém, alguns historiadores, também na tradição judaica, defendem que os livros dos Reis foram escritos pelo profeta Jeremias, devido à sua semelhança literária. O panorama dos livros pode ser mais bem compreendido a partir do seguinte esboço contendo os principais acontecimentos:



Durante o reinado de Davi e início do reinado de Salomão, Israel alcançou um alto padrão, tanto físico quanto espiritual. O povo pode verdadeiramente desfrutar de sua terra, do descanso e da presença de Deus manifesta através da Arca da Aliança. Depois que Salomão foi ungido rei, ele construiu para Deus um templo esplêndido. O nome de Salomão, no hebraico, contém duas raízes que significam "paz completa", simbolizando então esse novo período de descanso do povo de Israel. Por amor a Davi, Deus fez um pacto com Salomão, estendendo assim a sua promessa de que não faltaria herdeiro a Davi que se assentasse em seu trono. Esta aliança foi condicionada à retidão de Salomão e sua descendência. Caso os

mandamentos e estatutos divinos não fossem obedecidos, e o povo se voltasse para a idolatria, então tanto Israel quanto a casa de Deus seriam destruídos (1 Re 9:4-9). Tendo sempre como base a aliança estabelecida em Deuteronômio 27-31. Como sempre, a advertência divina precede a queda do homem, mas a sua fidelidade permanece (Sl 89:30-33). Em 1 Reis 11, é relatada a idolatria de Salomão, devido ao amor às mulheres que o desviaram da fidelidade a Deus, marcando assim o início do período de declínio político e espiritual de Israel.

“Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para como Senhor, seu Deus, como o coração de Davi, seu pai” (1 Re 11:4).

Este período de declínio perpetua então até o início do Novo Testamento. É a partir do reinado de Salomão que **Davi** passa a ser usado como **modelo ideal de rei**: *“E, se tu andares perante mim como andou Davi, teu pai, com inteireza de coração e com sinceridade...”*. Só no capítulo 11, Davi é usado como exemplo de conduta quatro vezes. Depois de dez capítulos esperançosos e otimistas, 1 Reis 11 marca o momento histórico da divisão do reino.

O Reinado de Salomão

1. A aliança reafirmada com Salomão

Após Salomão assumir o reinado, Deus se apresenta a ele em sonho e pergunta o que Salomão deseja que ele o dê. Em 1 Re 3:6, Salomão usa Davi como “penhor”, para que Deus cumprisse suas promessas feitas a Davi agora em seu reinado. É como se Davi, por meio de sua obediência, tivesse crédito com Deus e por isso Deus agiria em fidelidade e graça com seus descendentes. Deus então insere a condição de **obediência** (v14) para que os dias de Salomão fossem prolongados.

Em 1 Reis 8 vemos a confirmação desta aliança (v20) através da própria *presença de Deus* manifesta no templo (v10-11) e a presença de testemunhas: os anciãos (v1), o povo e os sacrifícios (v5). A oração que Salomão faz a Deus, a partir do versículo 22, contém alguns aspectos escatológicos que vale a pena tomarmos nota.

2. Aspectos Escatológicos no Reinado de Salomão

Em 1 Reis 8, alguns princípios teológicos foram estabelecidos durante esta grande e importante cerimônia de dedicação do templo:

- **A presença de Deus no meio de seu povo** simboliza sua aprovação e testifica sua fidelidade para com as promessas feitas a Davi. Neste caso, a nuvem que encheu o templo (v10-11) testifica e confirma o próximo princípio.

- **Um único santuário, o Templo de Jerusalém**, é estabelecido como santuário nacional. A casa edificada por Salomão, para pôr ali o nome do Senhor, é o *único* santuário de adoração para *todo Israel* (Dt 12:5-8).

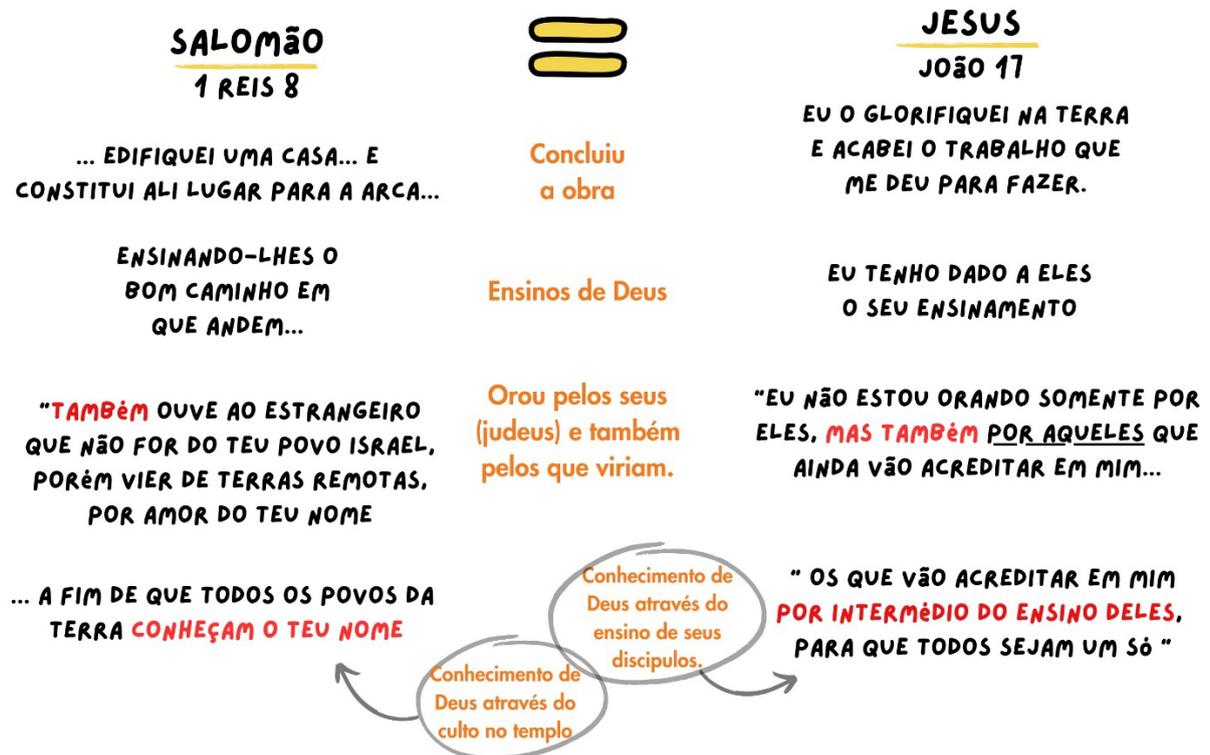
- **Único Deus** a ser adorado. O Deus de Israel é quem *guarda e cumpre* o concerto, assim como na Arca da Aliança havia as tábuas da Aliança -- os dez mandamentos (1 Re 8:23-24).

Estes princípios, como veremos em breve, foram negociados e por isso resultou na divisão do reino de Salomão e conseqüentemente em *idolatria*. A oração que Salomão faz a Deus contém alguns detalhes interessantes. Detalhes estes que retomam a grande comissão dada à humanidade desde Adão. Assim como Adão foi chamado para ser representante legal e embaixador do reino de Deus, para o mesmo ofício, Deus chama Abraão, para que através dele outros povos fossem abençoados. Salomão oficializa o templo não só como um local para sacrifícios, mas também como uma *casa de oração*. Um local onde não só os israelitas pudessem se voltar em oração e ser atendidos, mas também ao *estrangeiro* (1 Re 8:33, 41). Vemos aqui Salomão exercendo uma oração mediadora que estende o trono de Deus e sua justiça também ao estrangeiro. O mesmo trono, que exerce *perdão, justiça e direção (ensino)*, também foi feito acessível ao estrangeiro.

“Também ouve ao estrangeiro que não for do teu povo Israel, porém vier de terras remotas, por amor do teu nome...

Ouve tu nos céus, assento da tua habitação, e *faze conforme tudo o que o estrangeiro a ti clamar, a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome*, para te temerem como o povo de Israel e para saberem que teu nome é invocado sobre esta casa que tenho edificado” (1 Reis 8:41, 43)

Em João 17, Jesus também faz uma oração mediadora e podemos ver algumas semelhanças entre essas orações.



Salomão pediu a Deus que toda oração feita no templo fosse atendida, seja ela feita pelo judeu ou pelo estrangeiro. Era através do templo que os povos conheciam a Deus. Mesmo depois de o templo ter sido destruído pelos babilônios, em Cristo, o princípio continua. Cristo *tabernaculou* entre nós, fez o pai conhecido para o seu povo, e agora, através dos ensinamentos de seus discípulos, outros poderiam conhecer a Deus. Toda oração feita no nome de Jesus é atendida para glorificação do Pai (João 14:13-14). Assim como Salomão pediu a Deus para que os seus olhos estivessem sempre atentos a toda súplica feita no templo e a toda necessidade, Cristo pede ao Pai para que Ele cuidasse de seus discípulos (Jo 17:11,12,15).

A narrativa bíblica do Velho Testamento deixa claro que a graça e misericórdia de Deus para com a humanidade esteve sempre presente e constante. Através dos personagens e suas vidas, Deus faz conhecer que seu maior desejo é que sua presença seja restaurada ao homem. Não apenas de forma espiritual, mas física, como era no Éden. Michael Morales ao recordar sobre a narrativa da torre de Babel (Genesis 11:1-9), diz que a construção da torre envolvia homens que queriam construir um nome para si, enquanto Salomão construiu uma casa para o nome de Deus. Com Isaías 2:2-4 em mente, Morales afirma: *"Em vez de ser um local onde nações são dispersas, Sião é o local para onde as nações fluirão"* (Morales 236).

Podemos então concluir que durante o reinado de Salomão vemos que os aspectos escatológicos mais proeminentes são:

- **Um local (universalidade)** = casa de oração onde judeus e estrangeiros pudessem se reunir e ter suas orações atendidas.

- **O conhecimento de Deus (expansão do reino)** = que avançaria para além dos muros de Jerusalém.

O princípio instituído em Gênesis 1:28 e 2:15, o homem plantado no jardim para adorar e obedecer, e com isso encher a terra (transbordar para além do jardim), é repetido aqui na dedicação do templo. Um local é estabelecido com a presença de Deus e é chamado de "casa de oração". Através da adoração e obediência do povo, todos os povos conheceriam o Senhor, Deus de Israel. Na oração de Salomão (contida também em 2 Cro 6:18), está implícito que nenhuma estrutura feita por mãos humanas é adequada para a morada de Deus. O templo foi uma estrutura temporária, mas que aponta para a necessidade de algo muito mais grandioso.

Estes aspectos foram *potencializados* (atingem sua plenitude) através da vida e obra de Cristo. É nele e em seu nome que toda oração deve ser feita – Ele é a nossa casa de oração. É Cristo que se atenta às nossas orações e é através dele que Deus é revelado (Jo 1:14) a todo o povo, língua e nação. Quando estudarmos o Novo Testamento, veremos como estamos no processo de ser transformados à semelhança de Cristo para suportarmos a presença de Deus e sua morada.

A Divisão do Reino e suas Consequências

Devido à idolatria de Salomão, o Senhor então decidiu rasgar o seu reino (1 Rs 11:11-13, 11:31-39). Por amor a Davi, Deus só fez isso após a morte de Salomão, e prometeu que somente uma tribo permanecería debaixo da liderança da linhagem de Davi: a tribo de **Judá**. Então, disse Deus a Salomão:

1 REIS 11, 13

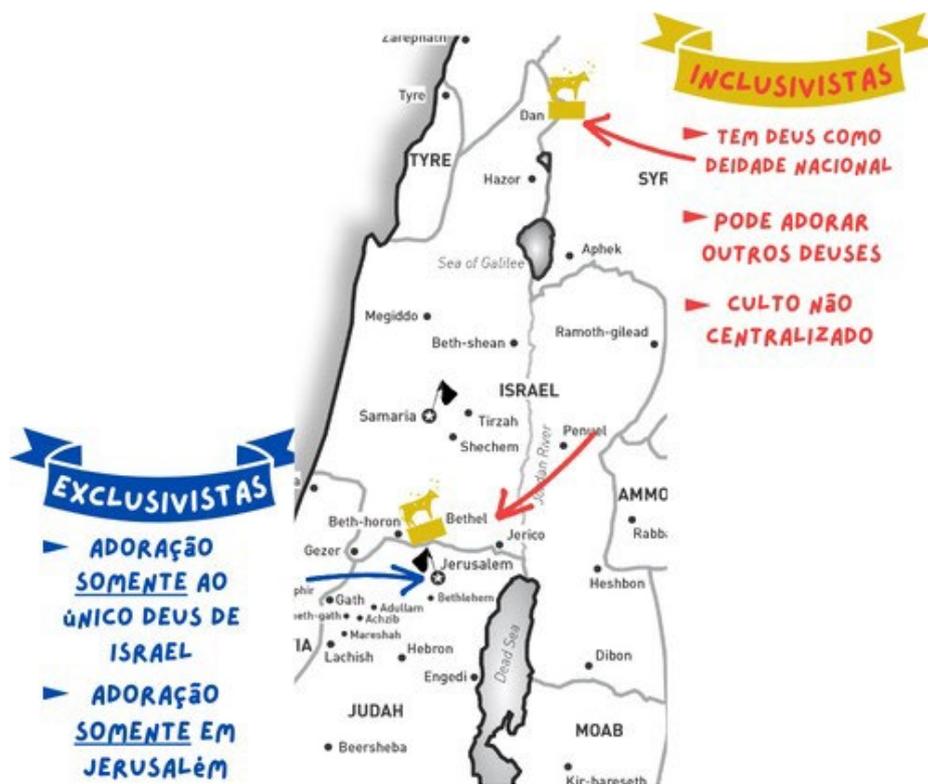
“ VISTO QUE HOUVE ISSO EM TI, QUE NÃO GUARDASTES O MEU CONCERTO E OS MEUS ESTATUTOS QUE TE MANDEI, CERTAMENTE, RASGAREI DE TI ESTE REINO E O DAREI A TEU SERVO. ”

ROBOÃO SUL 1 TRIBO JEROBOÃO NORTE 10 TRIBOS

PORÉM TODO REINO NÃO RASGAREI: UMA TRIBO DAREI A TEU FILHO, POR AMOR DE MEU SERVO DAVI E POR AMOR DE JERUSALÉM, QUE TENHO ELEGIDO. ”

Com a morte de Salomão, a unida monarquia termina. O reino foi dividido por volta de 931 a.C. devido a uma disputa sobre a sucessão do trono e à diferença entre princípios de adoração. **Jeroboão**, servo de Salomão, ficou com o **reino do norte** – constituído por 10 tribos. A **Roboão**, filho e sucessor de Salomão, ficou com o **reino do Sul** – a tribo de *Judá* e *Benjamim* (1 Re 12:17-23).

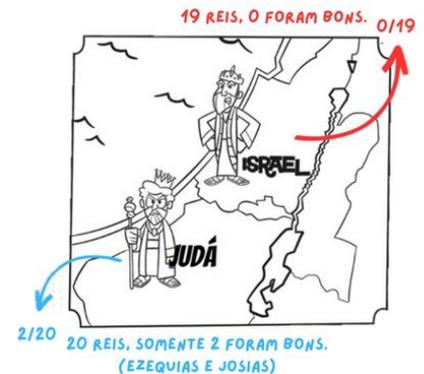
Cada reino fazia o que bem parecia aos olhos de seus reis. O restante do Velho Testamento agora passa a conter duas histórias paralelas com políticas independentes. A única coisa que o reino do sul e do norte tinham em comum era a adoração ao Deus de Israel. Porém, os princípios de adoração eram diferentes. Até Salomão, a adoração a Deus estava centralizada em Jerusalém (Sul). Os princípios teológicos mencionados anteriormente foram negociados, o que resultou em idolatria. A *idolatria* não é necessariamente a descrença em Deus, mas a alocação de poder a outros deuses – poder este que pertence somente a Deus. As tribos então, que estavam localizadas ao norte, viajavam para o sul para adorar. Jeroboão, rei de Israel, temeu que o povo fosse a Jerusalém cultuar e se voltasse contra ele (1 Re 12:27). Por isso, fez dois bezerros de ouro e colocou um em cada ponta de seu reino, um em Betel e outro em Dã (1 Re 12:28). O princípio de adoração para os do Norte era **inclusivista**, já os do Sul, era **exclusivista**.



¹ Mapa retirado, editado e adaptado do Visualunit.me//map-of-israel-judah.

Essas diferenças e rixas entre os reinos foram prolongadas até o Novo Testamento. Os autores dos evangelhos deixam claro que havia grande rixa entre os judeus (sul) e os samaritanos (norte), e isso se deu início durante essa ruptura dos reinos em referência aos princípios de adoração. Quando o reino de Israel foi tomado pelos assírios, eles assimilaram a cultura e se casaram com pagãos. Foram considerados então, pelos **judeus – reino do Sul**, um povo mesclado, não puro e não santo.

Reinou sobre o Norte um total de 19 reis, e nenhum fez conforme a vontade de Deus. Reinou sobre o Sul um total de 20 reis, e somente 2 fizeram conforme a vontade de Deus. Tendo Davi sido estabelecido pelo próprio Deus como um cânon – protótipo, rei ideal –, não só os reis do Sul foram comparados a Davi, como também os do Norte. Logo, Davi se torna o critério para a avaliação de cada rei.



“O ideal davídico não só dá unidade a 1/2 Reis, como também mantém viva a esperança, inclusive nos momentos mais críticos, ... enquanto estiver acesa a ‘lâmpada’ que brilha em Jerusalém na presença do Senhor, nem tudo estará definitivamente perdido”.²

O Exílio

O reino do Norte teve a sua queda em 722 a.C. com a invasão dos Assírios. Já o reino do Sul teve a sua queda em 586 a.C. com o domínio dos babilônios. As consequências dessa divisão tomam uma proporção muito maior do que já visto na história de Israel até agora. O período de exílio representa uma *descida* do monte santo/ presença de Deus (**vida**) para a **morte** (expulsão - exílio). O padrão da narrativa bíblica, proposta por Michael Morales – desde o início do nosso estudo em Gênesis, já deveria estar bem desenvolvido na mente do leitor. Contudo, vamos recordar com a imagem abaixo:



² As Tradições Históricas de Israel, pg. 127.

Desde Gênesis, Deus levantou pessoas como pastores para guiar o povo de volta para a presença de Deus. Sempre com uma movimentação ascendente, subindo ao monte de Deus. Podemos concluir que até este ponto, esses homens foram: Noé, Abraão, Moisés e Davi. Agora, esse novo período se inicia com a esperança de um rei davídico que iria pastorear a humanidade para a casa de Deus, no monte de Deus (Morales 236). Por isso, a constante comparação entre Davi e os reis que assumiam o trono. O Monte Sião é o lugar que representa a restauração do Éden à humanidade – uma restauração tanto física quanto espiritual. O que Salomão cumpriu em seu reinado, construindo uma casa permanente para Deus, intensifica ainda mais esta ideia – interrompida pelo exílio, mas não esquecida. Parece bem agora retornarmos e analisarmos como a aliança Davídica em 2 Samuel 7 foi reforçada com Salomão e os novos aspectos dessa aliança.

O que esperar daqui para frente?

Do livro de Reis em diante, este tema de *restauração* -- *como era no Éden*, é constantemente revisitado, agora através dos **profetas**. Os profetas são de grande importância na leitura bíblica daqui em diante. Como Lamadrid destaca, 22 dos 47 capítulos de 1 e 2 Reis são consagrados a estes protagonistas³. Estes homens são levantados por Deus, em meio a uma crise e decadência na monarquia, para chamarem o povo a um *arrependimento*. A palavra traduzida como arrependimento, no original, é a palavra hebraica "*teshuvah*", que significa muito mais do que um sentimento de remorso, tristeza ou pesar. No hebraico, significa literalmente "retornar", para que lhes fossem restauradas a terra. Não somente a terra física, mas também a sua restauração espiritual através da Presença de Deus, fazendo assim possível o cumprimento do chamado de Abraão (Gênesis 12), para ser bênção para as nações.



Os profetas então conectam tanto a restauração de sua terra (física) quanto a restauração de sua essência (espiritual). Já que sua desobediência resultou em sua terra desolada e o povo exilado, então sua obediência – 'teshuvah', o seu retorno ao cumprimento dos mandamentos de Deus, resultaria na restauração de sua terra e sua essência (semelhança de Deus).

*"Embora o arrependimento seja sem dúvida um componente necessário da teshuvá, é apenas um detalhe, não o seu foco ou objetivo principal"*⁴.

³ As Tradições Históricas de Israel, pg. 117.

⁴ Repentance: Teshuvah (תשובה) por Mendel Kalmenson em chabad.org.

Se arrepender deve ser mais do que um sentimento, deve vir acompanhado de mudança. A mudança de direção, de atitude, o retorno à obediência é o que autêntica o arrependimento. É o princípio que permeia a mensagem dos profetas e pode ser visto também no Novo Testamento, começando pelo ministério de João, o Batista, em Lucas 3:8-14 (assunto que será estudado futuramente).

Em conclusão, há muito o que ser falado e aprendido através dos livros dos Reis. São livros cheios de eventos que marcaram a história de Israel e contêm pérolas valiosíssimas para o entendimento do proceder de Deus. Difícil resumir em algumas páginas tudo que acontece nesses livros. Porém, estudamos os acontecimentos que marcaram o curso da história, como a divisão do reino, e algumas pérolas que apontam para algo além de seu tempo, como a oração feita por Salomão. A história de Salomão é rica tanto no material quanto no âmbito espiritual. Seu reinado foi o maior ápice político e religioso que Israel alcançou como nação. A dedicação do templo e sua oração apresentaram princípios divinos constantes na história. Serviu como semente de esperança e muita expectativa para os momentos ruins. Mesmo em sua grandeza e glória, a idolatria de Salomão foi sua pedra de tropeço. Vimos que a divisão de seu reinado trouxe outros reis que lideraram as nações conforme o que bem parecia a cada um, seguindo o péssimo caminho da idolatria – a negociação e comprometimento de princípios divinos. Somente o reinado de Ezequias e Josias (Reino do Sul) foram elogiados pelo autor de Reis. Em toda a história, Deus não poupa em corrigir o homem mantendo a fidelidade em sua Palavra, promessas e princípios. Durante o exílio, Deus envia os profetas – as placas de retorno de Deus.

